

O pré-discursivo na teoria lacaniana

Perla Klautau ^{a*1}, Monah Winograd ^a, Octavio Souza ^b

^a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: O objetivo deste artigo é demarcar a entrada em cena do pré-discursivo na teoria lacaniana. Para tal, utilizaremos a divisão esquemática do ensino de Lacan, elaborada por Miller, em três momentos específicos. O primeiro compreende os dez primeiros anos de seminário e é marcado pela leitura estruturalista dos textos freudianos. No segundo, com início em 1964, um movimento pode ser observado: enquanto a noção de estrutura representada pela linguagem deixou de ocupar o lugar central, a experiência vivida conquistou espaço. O fim deste ensino foi anunciado no início da década de 1970. O seminário *Mais, ainda* circunscreveu o início do último ensino de Lacan que consolidou um lugar para o campo pré-discursivo. A consequência clínica desse período foi a demarcação de um espaço privilegiado para o corpo e para as experiências vividas num período anterior à aquisição da fala, o que forneceu uma alternativa ao modelo estrutural.

Palavras-chaves: Lacan, estruturalismo, pulsão, gozo, sintoma.

A demarcação do ensino de Lacan em momentos específicos é uma ideia que vem sendo disseminada no cenário psicanalítico. Atualmente é possível observar diversas tentativas de periodização da herança lacaniana que buscam, cada uma a seu modo, extrair consequências teórico-clínicas dos seminários proferidos durante a década de 1970. As principais discussões dizem respeito ao aspecto de continuidade ou ruptura das últimas formulações de Lacan em relação aos primeiros anos de seu ensino e, também, ao manejo clínico de casos que escapam à lógica estrutural, organizada em torno das definições de neurose, psicose e perversão norteadas pelo Nome-do-pai. Conceito este que pode ser considerado um dos pilares de sustentação da teoria lacaniana, a ponto de ser utilizado como referencial para uma das tentativas de divisão em períodos do ensino de Lacan. Porge (2006) utiliza tal noção e, sobretudo, o seminário *Les noms du père*, interrompido em 1963, para elaborar sua versão de periodização. Antes de abordar tal demarcação é importante ressaltar a importância histórica deste seminário.

Desde 1951, Lacan se reunia, todas as quartas-feiras, com um grupo da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) para discutir o texto freudiano, mas, a partir de 1953, as discussões transformaram-se em seminários abertos ao público, realizados no Hospital Saint-Anne. Neste mesmo ano, ao lado de Daniel Lagache e Françoise Dolto, Lacan participou do movimento de defesa da análise leiga, o qual desembocou na primeira cisão da psicanálise na França, com a criação da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP). As negociações, durante os dez anos seguintes, com a executiva geral da IPA, a Associação Psicanalítica Internacional, para garantir a legitimidade e a filiação

dessa nova associação não obtiveram êxito. E mais: a direção da IPA recusou-se a conceder o título de didata a Lacan e a Dolto por reprovar as inovações técnicas de ambos, alegando que o primeiro não cumpria a duração padrão das sessões e questionando Dolto quanto à forma como praticava a análise com crianças. Finalmente, em 1963, Lacan foi definitivamente excluído da IPA ou, como ele preferia dizer, excomungado do quadro de didatas da Sociedade Psicanalítica de Paris. Com isso, ele foi proibido não só de aceitar novos candidatos para formação psicanalítica como também de ensinar — o que impediu a continuidade de seus seminários no Hospital Saint-Anne. Assim, a convite de Louis Althusser, Lacan passou a realizar seus seminários na École Normale Supérieure (ENS).

A mudança de endereço de seus seminários alterou tanto o rumo de seu ensino quanto a direção de seus alunos: sua plateia aumentou consideravelmente para centenas de ouvintes, entre estudantes universitários, intelectuais e jovens analistas (Macey, 1994). Com efeito, este seminário de 1964 foi um novo começo: antes do desligamento de Lacan da SPP, seu seminário iniciado no ano anterior, nomeado *Nomes-do-pai*, foi interrompido, mas, no ano seguinte, com novo endereço, Lacan retomou o seminário com novo conteúdo e novo título: *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Também conhecido como o seminário inexistente, por não ter sido proferido integralmente, o *Nomes-do-pai* tinha sido concebido para dar continuidade à sequência do ensino interrompida pelo desligamento de Lacan da IPA. De modo que o seminário iniciado em 1964 inaugurava um novo ciclo: este décimo primeiro seminário foi elaborado, agora não mais para dar continuidade a uma sequência anterior, mas para introduzir os fundamentos da teoria freudiana para um novo público.

Diante disso, Porge (2006) pondera que Miller, transcritor e comentador *princeps* de Lacan, cometeu um

1 Bolsista da FAPERJ.

* Autor correspondente: pklautau@uol.com.br

erro na numeração dos seminários por excluir o seminário de 1963, que deveria ser contado como o décimo primeiro livro da série. Tendo isto em vista, Porge (2006) ressaltou a importância deste seminário ao fazer dele peça-chave de sua proposta de demarcação do ensino de Lacan em três períodos: de 1964 a 1969 (até o seminário *D'un Autre à l'autre*); de 1969-70 (seminário *O avesso da psicanálise*) a 1974-1975 (seminário *RSI*) e, finalmente, de 1975-76 (seminário *Sinthome*) até 1979-80. De acordo com a divisão estabelecida, no primeiro período Lacan praticamente não aborda o Nome-do-pai e faz questão de ressaltar, a cada ano, o fato de que interrompera o seminário de 1963. Dado este que muda no segundo momento, sobretudo quando Lacan profere um seminário com o título *Les non-dupes erent*, jogando com a homofonia *Les noms du père*. Com a introdução do nó borromeano é possível observar uma nova articulação do conceito de Nome-do-pai que passa a ser investigado no plural, tendo assim o mesmo nome do seminário interrompido. O último período é marcado pelo fato de Lacan continuar a abordar o conceito de Nome-do-Pai, mas sem fazer referência ao seminário de 1963.

Diferentemente do referencial adotado acima, Milner (1996), partindo dos *Escritos* (Lacan, 1960/1998), estabelece uma divisão da obra lacaniana em dois períodos: primeiro classicismo e segundo classicismo. Tal demarcação encontra-se baseada na relação estabelecida entre a obra de Lacan e o doutrinário da ciência. De acordo com o raciocínio em questão, o primeiro classicismo está intimamente ligado ao programa estruturalista desenvolvido por Lacan, que define o sujeito de acordo com a ciência moderna eliminando “todas as qualidades dos existentes” (Milner, 1996, p. 33). Ao contrário do primeiro, o segundo classicismo não possui programa. Neste sentido, o seminário dos anos de 1972-1973 pode ser considerado seu ponto de partida e a noção de letra seu paradigma.

Ao invés da obra escrita, Miller (2003a) estabelece uma demarcação do legado lacaniano de acordo com seu ensino oral, dividindo-o em três momentos. No primeiro ensino, marcado pelos dez primeiros seminários e pelo retorno a Freud intermediado pelo estruturalismo, é a relação estabelecida com a linguagem que orienta a teorização de Lacan. O segundo ensino, com início datado em 1964, traz consigo um discreto recuo em direção ao plano pré-discursivo com a apresentação, aos participantes do seminário, do inconsciente pulsátil que se abre e se fecha segundo o modelo de funcionamento de uma zona erógena. Com a entrada do corpo e das experiências arcaicas em cena, é possível vislumbrar novas perspectivas clínicas que serão efetivamente consolidadas após 1972, início do que se convencionou chamar de último Lacan. O seminário *Mais, ainda*, realizado nos anos de 1972-1973, circunscreve o início do último ensino de Lacan, que consolida um lugar privilegiado para a dimensão pré-discursiva da experiência humana.

Apesar de tal demarcação ser objeto de críticas e discussões entre alguns estudiosos da obra lacaniana (Julien, 1999; Melman, 2003; Zizek, 2003, 2006, 2008), optamos por adotá-la devido ao fato de nos proporcionar

oportunidade de acompanhar o recuo efetuado por Lacan em direção aos momentos inaugurais da vida psíquica. Este avanço para trás, em direção ao plano pré-édipico, é apoiado em uma melhor compreensão dos modos de subjetivação que encontram suas raízes em experiências vividas num plano no qual o que está em tela é a inserção e a ancoragem do corpo no mundo em que ele habita. Isto diz respeito ao plano pré-discursivo, ou seja, à dimensão da vida subjetiva cuja ordenação se dá por meio de critérios e processos que não incluem tudo aquilo que a aquisição do equipamento linguístico oferece – uso de conceitos, produção de significações e operações simbólicas.

Primeiro Lacan: a estrutura

A expressão “Lacan originário” ou “primeiro Lacan” deve ser entendida como uma referência aos seminários marcados pela releitura estruturalista dos textos de Freud. A partir das noções estruturalistas, Lacan articulou o inconsciente à linguagem: a prevalência do simbólico na experiência humana era, assim, uma de suas premissas fundamentais — como era também para Lévi-Strauss que pensava haver equivalência formal entre a ordem simbólica e a linguagem. Sob esta ótica, a linguagem deveria ser entendida como a estrutura simbólica que fornece e condiciona o sentido da experiência humana.

Tendo conhecido seu apogeu na França nos anos 1960, o movimento estruturalista (estruturalismo) situou-se na interseção de múltiplas correntes estéticas, políticas e teóricas e foi dominado por algumas grandes figuras intelectuais. Neste movimento extremamente diversificado e submetido a influências pouco compatíveis de Marx, Freud, Heidegger, Nietzsche e Saussure, podia-se distinguir uma tendência mais especulativa e outra que pretendia à cientificidade. Mas, para além das divergências, destacava-se um postulado comum: o primado da estrutura casado ao exercício da suspeição. O primado da estrutura sobre o fenômeno e sobre o acontecimento era essencialmente pensado em termos de linguagem. Afirmando este primado, o estruturalismo pode ser considerado como a retomada e o resultado, no século XX, do que ficou conhecido como o pensamento da suspeição: por trás dos fenômenos patentes se dissimulam estruturas complexas latentes das quais os primeiros são somente os efeitos. Com isso, de forma geral, ao empreender uma crítica à filosofia do sujeito, ao causalismo, ao historicismo etc, o estruturalismo firmou-se no cenário intelectual parisiense com a pretensão de ser o método investigativo capaz de analisar o sistema de relações determinante da experiência humana sem cair nas armadilhas do subjetivismo.

Para analisar as condições de possibilidade de toda e qualquer experiência humana, o estruturalismo adotava a atitude de renúncia da descrição da natureza dos objetos, de suas qualidades e de suas propriedades específicas em prol da identificação das relações entre os objetos ou entre seus elementos. Nesta lógica, a identidade de cada elemento ou objeto seria determinada pelo sistema de relações

entre eles: somente a partir da comparação e da percepção das diferenças, as propriedades de cada objeto ou elemento de um sistema qualquer seriam definidas. Noutras palavras e como corolário, a identidade de cada elemento ou objeto seria determinada somente pelo sistema de relações que compusessem a estrutura — o que é o mesmo que dizer que qualquer identidade poderia e deveria ser estabelecida sem levar em conta a descrição da natureza dos objetos, suas qualidades e características específicas (Milner, 1996).

Em resumo e de modo geral, a atitude estruturalista consistia basicamente na desconstrução das identidades substanciais e na denúncia de que, por trás das consistências sólidas, haveria o jogo recíproco de sobredeterminações composto por relações diferenciais não substanciais (Žizek, 1992). Especificamente no campo psicanalítico, Lacan tornou-se o representante principal do estruturalismo, tendo sido fortemente influenciado sobretudo por Saussure. No célebre *Cours de linguistique générale*, Saussure (1916/1979) inovou ao privilegiar a dimensão sincrônica em detrimento da dimensão diacrônica da língua. Seu argumento principal era que a linguagem consistiria em um sistema regido por leis próprias que determinariam e transformariam as relações entre os elementos do próprio sistema. Esta ideia constituiu a matriz dos princípios de linguística estrutural e se infiltrou nos elementos fundadores da concepção lacaniana do inconsciente estruturado como linguagem (Macey, 1994).

Ao mesmo tempo em que empreendia um retorno à leitura de Freud em alemão, Lacan (1953/1996) articulava o funcionamento do inconsciente ao da linguagem. Se Freud (1901/1990) acreditava que os sonhos são a via régia para o inconsciente, Lacan acrescentava seu toque particular ao afirmar que os sonhos são a via régia para o inconsciente estruturado como linguagem:

Então, que retomemos a obra de Freud na *Traumdeutung* [significância do sonho], para relembarmos que o sonho tem estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos a sua letra, de rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva. (Lacan, 1953/1998, p. 268)

Lacan entendia que as imagens do sonho — das mais simples às mais bizarras — teriam valor significante por serem portadoras de um enigma figurado que exprimiria palavras ou frases. Decompondo as imagens, chegar-se-ia a um significante primordial, muitas vezes camuflado por algo sem sentido, produzido por transposições, deslocamentos ou condensações. Por exemplo, um paciente em análise sonhou que era perseguido por uma ema sem que nenhuma associação fosse efetuada: nunca tinha tido contato com uma ema (a não ser em fotos), não sabia por que

tinha medo etc. Durante o relato do sonho, foi possível perceber que, ao mudar a posição das letras da palavra *ema*, era possível formar a palavra *mãe* e, neste momento, o sonho passou a fazer sentido. Ou seja, do mesmo modo que não era a ave que estava em questão mas, sim, o significante ao qual *ema* remeteu, o valor significante da imagem nada tem a ver com a sua significação.

Para entender essa ideia, é necessário recorrer a Saussure (1916/1979) e ao seu conceito de signo linguístico como composto pelo significado sobre o significante (signo = significado/significante). A barra existente indica que significado e significante não pertencem ao mesmo plano, como a frente e o verso de uma folha de papel, e estão separados por uma barra resistente à significação, a qual, por sua vez, deriva da ligação entre eles. O primeiro elemento (significado) designa o conceito e o segundo (significante), a imagem acústica do signo, ou seja, a representação do som ao qual ele corresponde. Trocando em miúdos, o signo resulta da união entre um conceito e uma imagem acústica. Mas, a significação também depende do contexto em que um signo está inserido, ou seja, a significação ocorre em função da relação entre os signos de um conjunto. O exemplo clássico dado por Saussure (1916/1979) esclarece: *eu aprendo* e *eu a prendo* — uma mesma imagem acústica e dois conceitos, portanto duas significações diferentes que dependerão do contexto da cadeia falada.

Lacan retomou a fórmula do signo linguístico de Saussure, mas inverteu a posição dos elementos e posicionou o significado abaixo do significante, ao qual atribuiu uma função primordial ao afirmar sua autonomia relativamente ao significado. Basta voltar ao exemplo do sonho da ema para notar que, mais relevante que a significação do conteúdo possivelmente associada à imagem da ave, é o significante que esta imagem traz à tona. Este é o sentido da afirmação lacaniana segundo a qual “o trabalho do sonho segue as leis do significante” (Lacan, 1957/1998, p. 515).

Freud (1901/1990) já havia proposto que os processos oníricos que transformam o material latente em produto manifesto são os mecanismos de condensação e deslocamento. O primeiro concentra em uma única representação a fusão de diversas ideias inconscientes e o segundo dissimula a importância, o interesse e a intensidade de uma representação, transferindo-a para uma série de outras representações ligada à primeira por associação. No sonho da ema, a transformação do conteúdo latente em manifesto se dá por deslocamento, isto é, por meio do deslizamento associativo *mãe/ema*: basta trocar a posição das letras para que o elemento primordial do material latente, *mãe*, seja representado por uma ave, *ema*, no nível manifesto. Esta substituição de um significante por outro é estabelecida através de uma relação de contiguidade, característica principal do processo metonímico que, ao lado do processo metafórico, é considerado um dos principais mecanismos do funcionamento da linguagem: “de forma geral, o que Freud chama a condensação, é o que se chama em retórica a metáfora, o que ele chama deslocamento é a metonímia” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 252). Assim como

deslocamento e metonímia, condensação e metáfora são processos análogos. A diferença é que, na substituição de um significante por outro, o último par funciona a partir do estabelecimento de uma relação de similaridade: um conteúdo significante é substituído por outro conteúdo semelhante que representa, por si só, várias cadeias associativas.

Vê-se como, influenciado também pelo linguista Roman Jakobson, Lacan estabeleceu uma correspondência entre linguagem, processos oníricos e inconsciente. Para o psicanalista, o que condicionaria o funcionamento da linguagem seria a função simbólica, compreendida como lei organizadora, que, por sua vez, forneceria o sentido da experiência. Na teoria lacaniana, esta função simbólica — determinante do sentido da experiência — é representada pela letra *A* ou *a*. Tanto maiúscula quanto minúscula, a letra *A/a* é utilizada para designar a alteridade, pois, em francês, *outro* é *autre*: “há dois outros que se deve distinguir, pelo menos dois — um outro com *A* maiúsculo e um outro com *a* minúsculo, que é o eu. O Outro, é dele que se trata na função da fala” (Lacan, 1954-1955/1997, p. 227). Assim, *A* ou (grande) *Outro* designa a potência simbólica que atesta a prevalência da linguagem já no estabelecimento das primeiras relações do bebê com o seu entorno.

O inconsciente estruturado como linguagem funciona de acordo com um conjunto de regras, sobre as quais não possuímos nenhum tipo de controle, determinadas de acordo com a articulação simbólica estabelecida entre os elementos da cadeia significante. A identidade de cada elemento é determinada pelo sistema de relações estabelecidas entre os mesmos: “ora a estrutura do significante está, como se diz comumente na linguagem, em ele ser articulado” (Lacan, 1957/1998, p. 504). Dessa forma, a identidade de cada significante é estabelecida sem levar em conta a descrição de sua natureza específica, isto é, de suas qualidades e propriedades. Se retornarmos mais uma vez ao exemplo do sonho, é possível perceber que não são as propriedades experienciais, nem as características da ave — penas longas, pescoço comprido, coloração parda, rápida locomoção etc. — que determinam a ligação com a figura materna, mas sim a disposição dos significantes da palavra *ema* associados aos significantes da palavra *mãe*. Sendo assim, é possível verificar que, no funcionamento do inconsciente estruturado como linguagem, as qualidades do objeto são resumidas a propriedades relacionais. Esta redução das qualidades sensíveis era um dos principais recursos do método estruturalista adotado por Lacan e refletia diretamente a forma com que pensava a constituição da subjetividade: o sujeito é efeito do inconsciente. Se este último é estruturado como linguagem, a consequência lógica é ser o sujeito determinado por ela, isto é, pela estrutura simbólica: “o inconsciente é o discurso do Outro” (Lacan, 1960/1998, p. 829). A ideia contida nesta frase é de uma determinação subjetiva: “é como Outro que ele deseja” (Lacan, 1960/1998, p. 829). O resultado foi a determinação de um sujeito sem substância cuja identidade se define nos moldes da identidade do significante: reduzido às suas propriedades estruturais e despojado de qualidades

sensíveis ou, noutras palavras, de imanência. Daí a afirmação lendária de Lévi-Strauss e comentada por Lacan (1953-1956/1992) de que, sob a forma da autonomia do registro simbólico, o psicanalista francês teria feito reaparecer uma transcendência mascarada, ou seja, depois de ter expulsado Deus pela porta da frente, ele teria retornado pela porta dos fundos disfarçado de simbólico.

Segundo Lacan: o processo

Se até 1964, como se viu brevemente, as formulações lacanianas foram dominadas pela primazia da linguagem e pelo domínio do Outro, a partir daí e coincidindo com a mudança de endereço e de público de seus seminários, as qualidades sensíveis foram se insinuando e conquistando espaço discretamente. Como consequência, podia-se notar um recuo em direção ao campo pré-discursivo, o que abriu novas perspectivas clínicas só efetivamente consolidadas após 1972, início do que Miller (2003b) propôs chamar de último Lacan. De acordo com este autor, é possível observar que, antes do corpo e das experiências arcaicas ocuparem o centro da cena, Lacan distanciou-se gradativamente da versão do inconsciente estruturado como linguagem: os participantes do seminário de 1964 conheceram um inconsciente pulsátil que se abre e se fecha segundo o modelo de funcionamento de uma zona erógena, portanto, da pulsão. Seu transcritor pergunta e responde:

Por que escolher valorizar o que se abre e se fecha? A resposta é clara. É para tornar o inconsciente homogêneo a uma zona erógena. Lacan descreve o inconsciente exatamente como um ânus ou uma boca. Ele o descreve sob a forma de zona erógena para mostrar, agora, que há uma continuidade de estrutura entre o inconsciente simbólico e o funcionamento da pulsão. (Miller, 1999b, p. 94)

Segundo o raciocínio de Miller (1999a, 2003a), ao aproximar a atividade inconsciente do funcionamento corporal (pulsão e zona erógena), Lacan efetuava um deslocamento da versão do inconsciente estruturado como linguagem, que ele mesmo havia introduzido, para o inconsciente pulsátil, de cuja regulação as propriedades e as qualidades sensíveis passam a ser intrínsecas. Ou seja, os elementos, antes excluídos pelo método estruturalista de redução das qualidades sensíveis, agora passaram a constituir a essência mesma da engrenagem inconsciente. Com isto, dois registros de funcionamento foram introduzidos de um só lance: o tempo e a duração da experiência, os quais trouxeram atrelados a noção de processo que, por sua vez, deveria doravante ser adotada como paradigma do inconsciente pulsátil.

O termo pulsão foi criado na França, em 1965, para designar o ato de impulsionar (Roudinesco & Plon, 1998). A etimologia da palavra *pulsio* remete à ação de empurrar, impelir ou dirigir, proveniente de um impulso cuja carga energética encontra-se na origem da atividade

motora do organismo e do funcionamento inconsciente. Para descrever este tipo de impulso, Freud utilizou o termo alemão *Trieb* e reservou *Instinkt* para qualificar certos comportamentos animais padronizados: “o emprego, por parte de Freud, do primeiro, deixa bem claro que ele pretende muito mais acentuar a diferença entre ambos do que identificá-los” (Garcia-Roza, 1998, p. 115). A diferença fundamental é que o instinto seria uma espécie de cristalização da pulsão: “este último, além de designar um comportamento hereditariamente fixado, possui um objeto específico, enquanto a pulsão não implica nem comportamento pré-formado, nem objeto específico” (Garcia-Roza, 1998, p. 116). É esta variabilidade do objeto ao infinito que vai ser explorada por Freud como o que caracteriza a atividade pulsional.

De acordo com Freud, a finalidade da pulsão é sempre a satisfação. Neste ponto, não há assimetria entre pulsão e instinto. O que realmente promove uma separação entre estes dois termos é o caminho conducente à satisfação. Em *A pulsão e seus destinos*, Freud (1915) examinou o conceito de pulsão em função de sua *fonte*, sua *pressão*, sua *finalidade* e seu *objeto*. Este último deve ser entendido como “a coisa em relação à qual a pulsão é capaz de atingir a sua finalidade” (Freud, 1915/1990, p. 143). E mais: “É o que há de mais variável numa pulsão e, originalmente, não está ligado a ela, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação” (Freud, 1915/1990, p. 143). Quanto à pressão da pulsão, nas palavras de Freud:

Por pressão [*Drang*] de uma pulsão compreendamos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. A característica de exercer pressão é comum a todas as pulsões; é de fato, sua própria essência. (Freud, 1915/1990, p. 142)

É justamente este elemento do conceito que fornece as pistas para o entendimento do funcionamento processual da pulsão: sua pressão é, com efeito, um processo sempre em curso que impõe um ritmo constante ao funcionamento do aparelho psíquico. A expressão *exigência de trabalho* constante talvez seja a que melhor traduz o sentido da palavra *drang*, pois se refere a um querer, a uma exigência forte sentida como avassaladora. Noutras palavras, a constância pulsional traduzida em exigência de trabalho impele o indivíduo para a satisfação. Se o instinto emergiria e obteria uma satisfação momentânea quando encontrasse o objeto correspondente a determinada necessidade, a pulsão não poderia ser apaziguada, permanecendo em constante movimento: “a primeira coisa que diz Freud da pulsão”, anunciou Lacan aos ouvintes do seminário de 1964, “é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante” (Lacan, 1964/1985, p. 157).

Mas, além da *exigência de trabalho*, a finalidade — terceiro elemento da pulsão — também é responsável pela constância da pulsão. A finalidade, como sabemos,

é a satisfação, a qual, por sua vez, só pode ser obtida de forma parcial:

A pulsão, apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. Pois se se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Not* e o *Bedürfnis*, a necessidade e a exigência pulsional — é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão”. (Lacan, 1964/1985, p. 159)

No trecho acima, Lacan deixou claro que satisfação instintual e satisfação pulsional não são necessariamente coincidentes porque, de saída, a pulsão está referida ao objeto de desejo, portanto “qualquer objeto pode ser adotado como objeto pulsional, embora o objeto pulsional não seja um objeto qualquer” (Brousse, 1997, p. 128). Na teoria lacaniana, o desejo está sempre remetido ao desejo do Outro ou, em outras palavras, o desejo da criança já se constitui subordinado, inicialmente, ao desejo materno. Ou seja, as primeiras relações entre a criança e sua mãe remetem à constituição do objeto de desejo que, por sua vez, é peça-chave na articulação entre satisfação e constância pulsional. No seminário *A relação de objeto*, Lacan (1956-1957) tinha recorrido às relações do bebê com o Outro materno no esforço de entender como o desejo surge. Tomando como ponto de partida as primeiras experiências do recém-nascido sendo amamentado, propôs que a mãe fosse apreendida pelo bebê através do seio que o alimenta. Decorrente de um certo ritmo marcado por ausências e presenças, entendeu que seria a partir da falta da mãe ou do seio que o bebê estabeleceria gradativamente um certo modo de relação com o mundo. Portanto, seria somente a partir da falta (da mãe ou do seio) que a criança teria a possibilidade de conceber a presença: a mãe, em seu movimento de ir e vir, instala a dimensão da falta do objeto no imaginário infantil.

Deste modo, além de impulsionar a busca permanente de objetos, a falta manteria a constância pulsional. Isto aconteceria devido ao fato de *aquilo que falta* estar, invariavelmente, relacionado a um desejo que, por definição, nunca pode ser satisfeito. Em uma análise do seminário dos anos de 1956-57, Lacan afirmou:

no quarto ano de seminário, eu quis mostrar-lhes que não existe objeto a não ser metonímico, sendo o objeto do desejo, objeto do desejo do Outro, e sendo o desejo sempre o desejo de outra coisa — muito precisamente, daquilo que falta, *a*, o objeto perdido primordialmente, na medida em que Freud mostra-o sempre por ser reencontrado. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 16)

Neste contexto, aquilo que falta — *a* — pode ser situado como causa da atividade pulsional. Em 1960, a letra *a* foi conceituada como *objeto causa de desejo* ou *objeto a*, concebido como o resultado de uma perda sofrida nos momentos inaugurais da constituição subjetiva. Mais

precisamente, como o que restou de uma separação primitiva, encarnado em uma primeira perda, por sua vez entendida como uma forma de castração primária experimentada antes da instituição da linguagem.

O seio – como equívoco, como elemento característico da organização mamífera, a placenta por exemplo – bem representa essa parte de si mesmo que o indivíduo perde ao nascer e que pode servir para simbolizar o mais profundo objeto perdido. Para todos os outros objetos, eu poderia evocar a mesma referência. (Lacan, 1964/1985, p. 183)

Deste modo, uma série de partes destacáveis e, ao mesmo tempo, intrinsecamente ligadas ao corpo poderiam encarnar o objeto *a*: a placenta, o seio, os excrementos, o olhar e a voz. Tais objetos perdidos fizeram parte de uma totalidade mítica, denominada por Lacan (1964/1985) de lâmina e pensada como um órgão “que tem por característica não existir, mas que não é por isso menos que um órgão” (Lacan, 1964/1985, p. 186). Como mito do órgão inexistente, a lâmina pode ser comparada a algo que teria existido antes da perda primordial, isto é, antes dos orifícios corporais se constituírem como cavidades: o mito remeter-nos-ia a um tempo anterior ao nascimento, à vida imortal perdida ao nascer. Assim, a lâmina foi proposta como libido pré-sexual:

É a libido, enquanto puro instinto de vida, quer dizer, de vida imortal, de vida irrepreensível, de vida que não precisa, ela, de nenhum órgão, de vida simplificada e indestrutível. É o que é justamente subtraído ao ser vivo pelo fato de ele ser submetido ao ciclo de reprodução sexuada. E disso aí que são representantes, os equivalentes, todas as formas que se podem enumerar do objeto *a*. Os objetos *a* são apenas seus representantes, suas figurações. (Lacan, 1964/1985, p. 186)

Todas as formas de objeto *a* seriam resíduos de formas mais arcaicas da libido e os restos do parto, o seio, as fezes, a urina, todos os produtos excretados que caem do corpo revelariam que é em torno de perda primordial que se estabelecem as primeiras relações das pulsões com o desejo. Como já dito, o objeto *a* funcionaria não só como causa do desejo, mas, também, correlativamente, como causa da atividade pulsional. Ao contornar o objeto *a* sem nunca poder alcançá-lo, a pulsão faria desta impossibilidade a manobra que lhe garante algum tipo de satisfação: contornando o objeto *a*, a pulsão escamoteia sua própria finalidade: sua satisfação seria sempre e apenas parcial.

Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é

outra coisa senão esse retorno em circuito. (Lacan, 1964/1985, p. 170)

Portanto, para Lacan, o alvo da pulsão não seria mais o objeto, mas o próprio trajeto, enfim, o próprio processo: “o que é fundamental, no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura” (Lacan, 1964/1985, p. 168). E é este movimento, de ir e vir, que confere o caráter circular do percurso da pulsão e de sua reversão fundamental – assim chegamos à questão da processualidade da atividade pulsional. A ideia mesma de processo expressa uma ação contínua que apresenta certa unidade ou que se reproduz com certa regularidade. Ou seja, a expressão *funcionamento processual* destaca um movimento, um desenrolar de uma experiência, e não o produto final desta. De tal modo que, de acordo com a interpretação de Miller (1999a, 2003a), ao longo da teoria lacaniana, o sujeito foi deixando aos poucos de ser concebido como efeito de linguagem e passou a ser um agente definido de acordo com a interação com o meio. Porém, se no seminário de 1964, a noção de processo foi exibida, ela não foi levada às últimas consequências – o que só aconteceria nos anos de 1972-73, durante o seminário *Mais, ainda*, no qual foi diretamente articulada ao conceito de gozo concebido como sinônimo de experiência vivida.

Último Lacan: o pré-discursivo

Na periodização estabelecida por Miller (1999a, 2003a), o último Lacan partia da linguagem e da palavra definidas, por intermédio do conceito de letra, não mais apenas como elementos dirigidos ao Outro, mas, sobretudo, como gozo. Nesta visada, nos anos 1972-73, a linguagem deixou de ser entendida como a estrutura simbólica que fornece o sentido da experiência e passou a ser teorizada como um conceito derivado de *lalangue* – neologismo lacaniano e traduzido para o português em duas versões: *alíqua* e *lalíngua*. De acordo com Miller (1999a), *lalangue* introduziu uma disjunção entre significante e gozo, o que implicou uma mudança importante: antes de 1972-73, ao incidir sobre o ser vivo, o significante produzia gozo; agora, o significante se tornou ele mesmo matéria gozante. Mais radicalmente, o próprio conceito de gozo foi assimilado à ideia de experiência, tornando-se mesmo seu sinônimo e, portanto, confundindo-se com a dimensão do vivido em toda sua amplitude.

Na aula inaugural do seminário *Mais, ainda*, Lacan propôs uma relação entre gozo e direito através do usufruto. Com isso, empreendia o estabelecimento de uma equivalência entre gozo e experiência vivida ao destacar o caráter processual do gozo definido como fruição:

Esclarecerei com uma palavra a relação do direito com o gozo. O usufruto – é uma noção de direito, não é? – reúne uma palavra que já evoquei em meu seminário sobre a ética, isto é, a diferença entre o que há de útil e o gozo. O útil, serve pra quê? É o que não foi jamais bem definido, por razão do

respeito prodigioso que, pelo fato da linguagem, tem pelo que é um meio. O usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas que não devemos enxovalhá-los. Quando temos usufruto de uma herança, podemos gozar dela, com a condição de não gastá-la demais. É nisso mesmo que está a essência do direito – repartir, distribuir, retribuir, o que diz respeito ao gozo. (Lacan, 1972-1973/1985, p. 11)

O significado da noção de usufruto corresponde ao direito de gozar, de fruir, de retirar os frutos de um bem cuja propriedade pertence a outro. No seminário *Mais, ainda*, o bem em questão é o corpo, mais precisamente, o corpo do Outro: “gozar tem esta propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 35). Neste momento, nota-se como o Outro deixou de ser pensado como “aquele que prescreveria as condições de toda a experiência” (Miller, 1999a, p. 102), ou seja, a dimensão alteritária, despojada de suas qualidades sensíveis, deixava de ser reduzida às propriedades estruturais e ganhava corpo. Portanto, na lógica do último Lacan, o Outro ganhou corpo: “corpo que, o Outro, o simboliza, e que comporta talvez algo de natureza a fazer pôr em função uma outra forma de substância, a substância gozante” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 35). Ao colocar o corpo em cena, Lacan ampliava o horizonte de sua investigação, até então restrita ao campo discursivo cuja ordenação era dada pelo funcionamento da linguagem.

O exame do campo pré-discursivo e das experiências do período anterior à aquisição da fala abria espaço para elementos ainda não analisados no campo lacaniano. Tanto é que, em sua pesquisa da obra de Lacan, Miller (1999b) explorou o campo pré-discursivo e importou noções da biologia, tais como vida e corpo, para o terreno analítico: “trata-se de mostrar que o corpo não é separado do saber e que, antes de tudo, há um saber do corpo.” (Miller, 1999b, p. 46). Saber este que não é aprendido, que é próprio do corpo humano.

Não é lá que se supõe propriamente a experiência psicanalítica? – a substância do corpo, com a condição de que ela se defina apenas como aquilo de que se goza. Propriedade do corpo vivo, sem dúvida, mas nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que é um corpo, isso goza. (Lacan, 1972-1973/1985, p. 35)

Ao relacionar o gozo unicamente com o corpo, o vivido foi posicionado no seio da experiência analítica. Partindo do gozo como propriedade fundamental do corpo vivo, Lacan propôs uma aliança originária com a palavra designando-a, não mais como comunicação que visa o reconhecimento e a compreensão, mas sim como uma modalidade de gozo. Deste modo, a perspectiva clínica ampliava-se na medida em que se tornava possível incluir

no cenário analítico lacaniano o campo pré-discursivo e, portanto, tudo o que escapasse à rede significante, como, entre outros, os momentos iniciais da vida psíquica – plano no qual a inteligibilidade da experiência não se organizaria somente pela mediação de uma reflexão sobre ela, mas pela percepção sensível dos modos pelos quais o mundo afeta um corpo e é por ele afetado.

Neste sentido, as fases mais precoces da constituição psíquica poderiam ser entendidas como uma dimensão da experiência na qual o que está em jogo é a inserção ou a ancoragem do corpo em um mundo. Do ponto de vista ontogenético, as marcas desta fase perdurariam ao longo da existência do indivíduo e, com a posterior aquisição da linguagem, a complexificação e sofisticação da experiência psíquica articulariam estas marcas em um universo infinito de significações. De modo que, em um sujeito qualquer, coexistem e interagem dois planos inseparáveis e, de certo modo, indiscerníveis: a experiência imediata, vivida, não compartilhada e a experiência mediada pela significação, reflexiva e compartilhável.

Considerações finais: consequências clínicas

A consequência clínica direta do último período do ensino de Lacan, tal como estabelecido por Miller (2003a), é o que vem sendo chamado de clínica borromeana, clínica dos nós, clínica do real, clínica do sinthoma ou clínica da nodulação. Nesta visada, o que estaria em jogo seria uma ideia de continuidade portadora de uma elasticidade que comporta a estrutura do nó borromeano. O que ficou conhecido como nó borromeano consiste em certa maneira de nodular elos, importada do brasão da família Borromeu: “as armas dessa dinastia milanese compunham-se de três anéis em forma de trevo, simbolizando uma triplíce aliança. Se um dos anéis se retirasse, os outros dois ficariam soltos, e cada um remetia ao poder de um dos três ramos da família” (Roudinesco, 1998, p. 541). Mas, o que Lacan destacou neste símbolo não foi a figura em si, a composição final dos anéis em forma de trevo, mas a maneira como este se estrutura, ou melhor, o seu entrelaçamento, a nodulação dos elos, enfim, o fato de que um anel só se sustenta encadeado aos outros. Assim, entre todas as possibilidades de nomear as consequências clínicas do último Lacan, a expressão *clínica da nodulação* merece destaque ao valorizar a ação em curso, isto é, o processo de nodulação em si — o que inclui não só as nodulações, mas também as desnodulações, ou seja, todo funcionamento estabelecido através do arranjo feito entre sucessivos desligamentos e novas ligações.

No seminário *RSI*, Lacan (1974-1975) estabeleceu uma equivalência entre os três elos do nó borromeano e os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário. A lógica que sustentava essa equivalência era a mesma aplicada ao nó borromeano: um elo só se sustenta encadeado ao outro, de tal modo que o corte de qualquer um dos elos desfaz o nó. De acordo com Miller (1999a), essa equivalência implicou na retirada da autonomia e da primazia dada ao

Simbólico pois, no funcionamento dos nós, o Simbólico só se sustenta ligado ao Imaginário e ao Real. Assim, categorias transcendentais, como Outro e Nome-do-pai, deixaram de determinar antecipadamente a experiência e passaram a funcionar como elos que estabelecem ligações e asseguram a continuidade do processo de nodulação. Mas, no seminário intitulado *O Sinthoma*, Lacan (1975-1976) introduziu um quarto termo ao nó borromeano para que os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário se mantivessem unidos. O quarto elo, designado *sinthoma*, possuiria uma função reparadora, funcionando como um ponto de ancoragem que amarraria os três registros e recondicionaria a falha estrutural do enlaçamento. De acordo com o raciocínio de Miller (1999a), com a introdução da lógica nodular e, sobretudo, com a elaboração do quarto elo, neurose, psicose e perversão deixaram de ser estruturas distintas e desconectadas para serem concebidas como estados em continuidade, abrindo um leque de possibilidades que a tripartição neurose/psicose/perversão não comportava. Neste sentido, é possível conceber que a introdução do quarto elo modificou a solução de continuidade entre as três estruturas, trazendo à cena uma noção de gradação que permitia considerar formas complexas de amarração não comportadas pela divisão estrutural. Assim, nesta visada, a clínica da nodulação surgia para suprir uma carência deixada pela clínica estrutural.

Em 1997, alguns psicanalistas lacanianos reuniram-se para discutir casos resistentes à classificação estrutural. Desta reunião, que recebeu o nome de *A conversa de Arcachon*, resultou a publicação de *Os casos raros*,

inclassificáveis, da clínica psicanalítica (Miller, 1997a), contendo dezoito casos clínicos e a discussão das formas complexas de amarração apresentadas. Um dos pontos discutidos foi a demanda que estes casos fazem ao analista de uma sensibilidade clínica voltada para o plano da experiência pré-reflexiva. Isto implicou no reconhecimento de que é a construção de um quarto elo reparador que está em jogo e não a interpretação de conteúdos recalçados inconscientes. Logo, não seria adequado que o analista adotasse uma posição de escuta recuada: pelo contrário, caberia ao analista estar atento aos “ínfimos detalhes clínicos”, pois o “sujeito não deixará entrever o que faz a singularidade de suas amarrações sintomáticas, a não ser que o analista o estimule nisso, se o acompanha nesse desvendamento” (Defieux, 1997, p. 14). A consequência da adoção deste tipo de atenção refinada dizia respeito à mudança na qualidade da presença do analista, incluindo todo o seu funcionamento mental e envolvendo mudanças de sensibilidade e percepção.

Com isso, finalmente, o campo pré-discursivo tornou-se parte integrante da teoria e da clínica lacanianas. Na condução de uma análise baseada na lógica da nodulação, seria possível observar a necessidade de reconhecimento e de nomeação do sofrimento em questão. Ao fazer isto, o analista emprestaria sua sensibilidade, daria um pouco de si e participaria ativamente do processo de simbolização com sua presença sensível. Esta postura mudaria a qualidade da presença do analista durante a sessão, já que este passaria a ter papel efetivo no processo de simbolização, tornando-se parte inseparável deste.

The prediscursive's field in Lacan's theory

Abstract: The aim of this article is to determine the influence of the prediscursive field in Lacanian theory. To do so, we used a schematic division of the teaching of Lacan's theories, as elaborated by Miller, in three specific moments. In the first ten seminars, the Structuralist perspective of Freudian texts is the main theme. In the second moment, which started in 1964, a movement can be observed: while the notion of structure lost the central position, the lived experience became more relevant. The end of the second moment was announced in the early 1970s. The seminar *Encore* marked the beginning of the last moment, and consolidated a special place to the pre-discursive field. The clinical consequence of this period is an emphasis on the body and the experiences before speech acquisition, which provided an alternative for the structural model.

Keywords: Lacan, Structuralism, drive, jouissance, *sinthoma*.

Le prediscursif dans la théorie lacanienne

Résumé: L'objectif de cet article est de cerner l'entrée en scène du prédiscursif dans la théorie lacanienne. Pour ce faire, on parcourra la périodisation de l'enseignement de Lacan en trois différents moments que propose Miller. Le premier comporte les dix années initiales de séminaire, étant marqué par l'étude structuraliste des textes freudiens. Le deuxième moment, qui date de 1964, a vu apparaître un nouveau mouvement : alors que la notion de structure représentée par le langage a quitté la place centrale, l'expérience vécue acquiert peu à peu de l'importance. La fin de cet enseignement fût annoncée dès les années 1970. Le Séminaire *Encore* circonscrit le début du dernier enseignement de Lacan, étayant le champ prédiscursif. Ce moment porte comme conséquence clinique la démarcation d'un espace privilégié pour le corps et pour les expériences vécues dans une période préalable à l'acquisition de la parole, ce qui permet une alternative au modèle structural.

Mots-clés: Lacan, structuralisme, pulsión, jouissance, *sinthoma*.

El pré-discursivo en la teoría de Lacan

Resumen: El objetivo de este artículo es delimitar la entrada del pré-discursivo en el estudio lacaniano. Para esto usaremos la división esquemática de la enseñanza de Lacan, elaborada por Miller, en tres momentos específicos. El primero comprende los diez primeros años de seminario y es marcado por la lectura estructuralista de los textos freudianos. En el segundo, con inicio en 1964, un movimiento puede ser observado: en cuanto la noción de estructura representada por el lenguaje fue dejando de ocupar un lugar central, la experiencia vivida fue conquistando espacio. El fin de este estudio fue anunciado en el inicio de 1970. El seminario Aún circunscribe el inicio de la última enseñanza de Lacan que consolidó un lugar para el campo pré-discursivo. La consecuencia clínica de ese período fue una delimitación de un espacio privilegiado para el cuerpo, forneciendo así, una alternativa al modelo estructural.

Palabras-clave: Lacan, estructuralismo, pulsión, goce, *sinthoma*

Referências

- Brousse, M. H. (1995). A pulsão I. In R. Feldstein, B. Fink & M. Jaanus (Orgs.), *Para ler o Seminário 11 de Lacan* (D. D. Estrada, trad., pp. 31-41). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Defieux, J. P. (1997). Um caso nem tão raro. In J. A. Miller, *Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: a conversação de Arcachon* (pp. 22-40). São Paulo, SP: Biblioteca Freudiana Brasileira.
- Freud, S. (1990). Sobre os sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 5, pp. 571-611). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (1990). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 118-230). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1990). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 129-164). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Garcia-Roza, A. (1998). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Julien, P. (1999). *As psicoses: um estudo sobre a paranoia comum*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1964)
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1972-1973)
- Lacan, J. (1992). *O seminário. Livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1955-1956)
- Lacan, J. (1995). *O seminário. Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1956-1957)
- Lacan, J. (1996). *O seminário. Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1953)
- Lacan, J. (1997). *O seminário Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1954-1955)
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1953)
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 496-536). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1957)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1960)
- Lacan, J. (1999). *O seminário. Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1957-1958)
- Lacan, J. (2005). *Le séminaire. Livre 23: le sinthome*. Paris: Éditions du Seuil. (Originalmente proferido em 1975-1976)
- Lacan, J. (n.d.). *O seminário. Livro 22: RSI*. (Trabalho inédito)
- Macey, D. (1994). Indrodiction. In *The four fundamental concepts of psycho-analysis* (pp. vii-xxxix). London: Penguin Books.
- Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço: entrevistas por Jean Pierre Lebrun*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Miller, J. A. (1997a). *Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: a conversação de Arcachon*. São Paulo, SP: Biblioteca Freudiana Brasileira.
- Miller, J. A. (1997b). *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Miller, J. A. (1999a). Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana*, (26/27), 54-80.
- Miller, J. A. (1999b). *Elementos de biologia lacaniana – conferências feitas em 1999*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Miller, J. A. (2003a). O último ensino de Lacan. *Opção Lacaniana*, (35), 76-94.
- Miller, J. A. (2003b). A formação do analista. *Opção Lacaniana* (37), 10-35.

- Milner, J. C. (1996). *A obra clara*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Porge, E. (2006). *Jaques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino*. Brasília, DF: Ed. da Universidade de Brasília.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Saussure, F. (1979). *Curso de linguística geral*. São Paulo, SP: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1916)
- Zizek, S. (1992). *Eles não sabem o que fazem*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Zizek, S. (2003). *Bem-vindo ao deserto do real!* São Paulo, SP: Boitempo.
- Zizek, S. (2006). *Arriscar o impossível: conversas com Zizek*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Zizek, S. (2008). *A visão em paralaxe*. São Paulo, SP: Boitempo.

Recebido: 06/05/2013

Revisado: 19/11/2013

Aceito: 17/02/2014